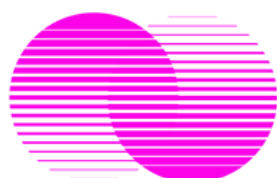


RADAR ÁSIA-PACÍFICO

Outubro 2023

RADAR ÁSIA-PACÍFICO
Outubro 2023
v.2 n.10



LIGA DE ESTUDOS
ÁSIA-PACÍFICO
PUC-RIO

SOBRE A LIGA DE ESTUDOS ÀSIA-PACÍFICO

A Liga de Estudos Ásia-Pacífico (LEAP) é um projeto extracurricular idealizado e desenvolvido por alunos do curso de graduação de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Por meio de atividades extracurriculares de ensino, pesquisa e extensão, a LEAP tem por objetivo principal aprofundar a contribuição dos discentes da universidade nos debates acadêmicos acerca das questões de cooperação, conflito, política e cultura dos países da Ásia-Pacífico.

O Radar Ásia-Pacífico é a análise de conjuntura mensal escrita pelos ligantes da LEAP, com a finalidade de discutir os temas latentes que dizem respeito à cooperação e conflito na região no último mês.

As opiniões aqui expressas são de inteira responsabilidade do(a)s autor(a)(es) não refletindo, necessariamente, a posição das instituições envolvidas.

EQUIPE LEAP

Professor coordenador da LEAP

Diego Santos Vieira de Jesus

Presidentes da LEAP

Maria Gabriela Veloso Camelo

Renan Guimarães Canellas de Oliveira

Diretores da LEAP

Mariana Azevedo Soares Quintanilha

Sofia Mendes Magalhães

Beatriz Nardy de Queiroz

RADAR ÁSIA-PACÍFICO

Outubro/2023. Rio de Janeiro.

PUC - Liga de Estudos Ásia-Pacífico

33p; 29,7 cm

1. Ásia-Pacífico;
2. Cooperação;
3. Conflito;



LIGA DE ESTUDOS
ÁSIA-PACÍFICO
PUC-RIO

SUMÁRIO

1

A DESACELERAÇÃO INDUZIDA DO CRESCIMENTO ECONÔMICO CHINÊS

Beatriz Waehnelde da Silva
Luiza Simões Bethlem Monteiro

2

FORTALECIMENTO DAS RELAÇÕES RÚSSIA-COREIA DO NORTE

Renan Guimarães Canellas de Oliveira
Rubens Americano Alves Brito de Araujo

3

PERSPECTIVAS REGIONAIS: A ÁSIA-PACÍFICO E O CONFLITO HAMAS-ISRAEL

Beatriz Nardy de Queiroz
Mariana Azevedo Soares Quintanilha

4

A REALIZAÇÃO DA PRIMEIRA TRANSAÇÃO COMERCIAL ENTRE BRASIL E CHINA SEM O DÓLAR

Gabriel Porto Póvoas
Maria Gabriela Veloso Camelo

5

O DESPEJO DA ÁGUA RADIOATIVA PELO JAPÃO E SUAS REAÇÕES

Beatriz Fernandes Lira Cavalcante
Marina Conde Galvão Zenha

6

A DIPLOMACIA DO PANDA CHINESA À LUZ DA COMPETIÇÃO HEGEMÔNICA ENTRE EUA E CHINA

Érico Azera Gonçalves da Rocha
Letícia Fernandes de Almeida

1

A DESACELERAÇÃO INDUZIDA DO CRESCIMENTO ECONÔMICO CHINÊS

Beatriz Waehnelde da Silva

Luiza Simões Bethlem Monteiro

Nos últimos anos, a China testemunhou uma notável desaceleração em seu crescimento econômico, após décadas de expansão significativa. Este fenômeno, embora em parte planejado, reflete uma mudança estratégica do Governo chinês, que passou a buscar investimentos em consumo doméstico, em vez de depender principalmente de exportações. Para alcançar este objetivo, foram implementadas reformas estruturais e medidas rigorosas de combate ao endividamento excessivo. Além disso, a pandemia de Covid-19 e a política de "Covid Zero"¹ na China contribuíram para a estagnação do crescimento econômico. No entanto, a desaceleração econômica chinesa é resultado de uma combinação de fatores que se acumularam ao longo do tempo.

Um dos principais fatores que contribuíram para essa desaceleração é a disputa comercial contínua com os Estados Unidos. Isso resultou na imposição de tarifas e incertezas nos mercados, afetando o comércio internacional. O yuan chinês perdeu valor em relação ao dólar americano, e os produtos chineses enfrentam concorrência crescente dos produtos norte-americanos. Além disso, o envelhecimento da população chinesa resultou em uma força de trabalho em declínio, o que levou a uma diminuição na mão de obra disponível no país. O aumento do endividamento, tanto público quanto privado, também gerou preocupações sobre a sustentabilidade financeira.

Outro fator crítico foi a crise no mercado imobiliário chinês. Durante anos, a China experimentou um boom no setor imobiliário, o que levou a preços extremamente elevados em muitas cidades, criando uma bolha especulativa. Para conter essa especulação, foram introduzidas regulamentações mais rígidas, o que impactou negativamente o mercado de imóveis. Grandes incorporadoras imobiliárias passaram a enfrentar problemas financeiros significativos, aumentando as preocupações sobre a estabilidade desse setor, que desempenha um papel vital na economia do país. O Governo implemen-

¹ Com o objetivo de eliminar completamente os casos do vírus na população, o governo impôs medidas rigorosas que resultaram no isolamento da China do resto do mundo, incluindo bloqueios, restrições nas fronteiras e lockdown em suas residências.

tou medidas para conter a crise e apoiar a economia, incluindo injeção de liquidez e flexibilização das políticas de empréstimos, ao mesmo tempo em que endureceu as regulamentações para evitar uma queda abrupta nos preços das propriedades.

Como a segunda maior economia do mundo, a desaceleração econômica da China tem implicações globais significativas, especialmente nos mercados de *commodities*. No entanto, no setor agrícola brasileiro, os impactos devem ser relativamente amenos. O Brasil vem substituindo produtos chineses por produtos norte-americanos, diminuindo o impacto da desaceleração chinesa na Economia nacional. Além disso, o país é um importante exportador de *commodities*, devido à sua abundância de recursos primários.

A pandemia de Covid-19 também teve um impacto significativo na desaceleração do crescimento chinês. As medidas do governo chinês para alcançar o "Covid Zero" foram consideradas radicais e tiveram consequências significativas, incluindo bloqueios e restrições nas fronteiras, o que prejudicou o comércio e os investimentos. O isolamento da China do mundo e os *lockdowns* resultaram em altos níveis de desemprego e uma queda nos lucros das empresas, contribuindo para a crise e a desaceleração econômica.

Em resumo, a desaceleração econômica da China é resultado de uma série de fatores, incluindo disputas comerciais com os Estados Unidos, o envelhecimento da população, o aumento do endividamento, a crise no mercado imobiliário e as medidas rigorosas durante a pandemia de Covid-19. Apesar desses desafios, a China continua a ser uma figura proeminente no cenário internacional, mantendo seu prestígio global.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

POSSAMAI, Roberta; SERIGATI, Felipe. Desaquecimento da economia chinesa: por que o motor não quer pegar. *Periodicos.fgv.br*, setembro de 2023. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/agroanalysis/article/download/90215/84646>. Acesso em: outubro de 2023.

HEDA, Laura. Entenda os problemas que a China enfrenta na economia. CNN Brasil, 21 de agosto de 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/entenda-os-problemas-que-a-china-enfrenta-na-economia/>. Acesso em: outubro de 2023.

JORNAL NACIONAL. Especialistas divergem sobre os impactos da desaceleração da economia da China no mundo. G1 Globo, 24 de agosto de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/08/24/especialistas-divergem-sobre-os-impactos-da-desaceleracao-da-economia-da-china-no-mundo.ghtml>. Acesso em: outubro de 2023.

THE ECONOMIST. Why China's government might struggle to revive its economy. Hong Kong, 1 de junho de 2023. Disponível em: <https://www.economist.com/finance-and-economics/2023/06/01/why-chinas-government-might-struggle-to-revive-its-economy>. Acesso em: outubro de 2023.

FORBES. Pré-Mercado: temores com a desaceleração da China. 15 de agosto de 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-money/2023/08/pre-mercado-temores-com-a-desaceleracao-da-china/>. Acesso em: outubro de 2023.

FENG, Rebecca; LI, Cao. Uma crise imobiliária ainda maior ameaça a economia da China. Valor Globo, 19 de setembro de 2023. Disponível em: <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2023/09/19/uma-crise-imobiliaria-ainda-maior-ameaca-a-economia-da-china.ghtml>. Acesso em: outubro de 2023.

2

FORTALECIMENTO DAS RELAÇÕES RÚSSIA-COREIA DO NORTE

Renan Guimarães Canellas de Oliveira

Rubens Americano Alves Brito de Araujo

No último 25 de outubro, o Departamento de Estado dos Estados Unidos (EUA) publicou uma declaração conjunta com o Japão e a República da Coreia (Coreia do Sul), condenando veementemente o suposto fornecimento de equipamentos militares e munições pela República Popular Democrática da Coreia (Coreia do Norte) para a Federação Russa, a serem utilizados contra o governo e o povo da Ucrânia. Esse pronunciamento está inserido no contexto da progressiva aproximação entre a Coreia do Norte e a Rússia, o que faz necessário questionar quais são os possíveis desdobramentos dessa relação tanto para a invasão russa na Ucrânia quanto para a estabilidade regional da Península Coreana.

No que diz respeito à aproximação bilateral dos países, é importante dizer que ainda em Julho deste ano, o Ministro da Defesa da Rússia esteve na Coreia do Norte, sendo essa a primeira vez desde o início da pandemia de Covid-19 que o país asiático recebeu um convidado estrangeiro. No entanto, a ida de Kim Jong-Un à Rússia em setembro chamou mais atenção da comunidade internacional. De acordo com McCurry e Roth (2023), enquanto Kim percorria a extensa viagem de trem em direção ao norte com a esperança de adquirir o conhecimento russo em tecnologia de armas, bem como obter assistência alimentar e outros tipos de ajuda, o encontro representou uma oportunidade para Putin receber um dos escassos aliados internacionais do Kremlin, em busca, principalmente, de negociar a compra de armamentos norte-coreanos para o uso na Guerra na Ucrânia. Segundo imagens transmitidas na TV russa, Kim Jong-Un afirmou que a Rússia se ergueu em uma “luta sagrada” para proteger sua soberania e segurança contra as forças hegemônicas que se opõem ao país. Além disso, expressou apoio total e incondicional a todas as medidas tomadas pelo Governo russo, declarando também uma vontade de aprofundar as relações bilaterais dos países (Mccurry; Roth, 2023).

Durante os dias 17 e 18 de outubro, Sergey Lavrov, Ministro das Relações Exteriores da Rússia, esteve na Coreia do Norte, onde se encontrou com Kim Jong-Un e com sua contraparte norte-coreana. Na viagem, Lavrov propôs

conversas regulares de segurança com a Coreia do Norte e a China para lidar com o que ele descreveu como crescentes ameaças militares regionais lideradas pelos Estados Unidos (Associated Press, 2023). Após a visita, no dia 19 de outubro, os EUA afirmaram que a Coreia do Norte havia entregue mais de 1.000 contêineres de equipamento militar e munições para a Rússia. As possíveis transações dinamizam o contexto da invasão russa-ucraniana, uma vez que, em primeiro lugar, os EUA alegam que representam uma violação da resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), que proíbe o comércio de armas com a Coreia do Norte, e, em segundo, que isso é uma tentativa do país de ter acesso a equipamentos mais refinados para ampliar o seu programa nuclear e militar (Associated Press 2023; Madhani, 2023).

Caso as transações tenham de fato acontecido, há uma grande possibilidade de que a Rússia retribua, como mencionado acima, por meio de transferência de tecnologia de armamentos mais modernos. Sendo assim, os EUA já acusam a Rússia de estarem, por uma possível transferência, violando a Resolução 1718 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, de 2006, que proíbe aos estados-membros o fornecimento, a venda ou a transferência direta ou indireta para a Coreia do Norte de armamentos pesados, como tanques, veículos blindados, artilharia de grande calibre, aeronaves de combate, helicópteros de ataque, navios de guerra, sistemas de mísseis, além de materiais e tecnologias que possam contribuir para os programas de armas de destruição em massa (UNSC, 2006). O porta-voz do Conselho de Segurança Nacional, Jack Kirby, apontou para a instabilidade regional e à contestação que essa negociação apresenta ao regime internacional de proliferação, afirmando, com veemência, que os EUA não permitirão que a Coreia do Norte apoie a “máquina de guerra” russa sem expor ambas as partes ao mundo (Voa News, 2023). Sendo assim, Kirby também pontuou que os EUA, em conjunto com seus aliados e parceiros, negociam sanções aos indivíduos e partes que estão facilitando a troca desses equipamentos, assim como lamentou que as armas enviadas para a Rússia serão usadas para matar civis inocentes ucranianos, que se veem diante de uma guerra ilegítima (Voa News, 2023).

Diante da incerteza, a instabilidade profetizada por Kirby já tem mostrado suas cores. Os EUA apresentaram fotos de satélites que mostram que dezenas de contêineres que partiram de Rason – cidade norte-coreana que faz fronteira com a Rússia e em que se localiza a antiga zona econômica especial de rajin –

foram colocados em trens no porto russo de Dunai e chegaram ao depósito de munições em Tikhoretsk (Lakes, 2023). Alguns dos carregamentos norte-coreanos com destino a Dunai foram fotografados recentemente, em 14 de outubro, apesar das análises afirmarem que não há como saber exatamente o que havia dentro deles (Lakes, 2023). De todo modo, suspeita-se que o aumento significativo do número de poços de armazenamento de munição no depósito de Tikhoretsk – tendo sido cavados 100 novos poços em setembro após a exposição de armas em Pyongyang, em agosto desse ano, que contou com a presença do ministro da defesa russo, Sergei K. Shoigu – indica que há uma troca intensa de munições entre ambos países (Lakes, 2023). Como resposta, os EUA enviaram à Coreia do Sul uma frota de porta-aviões, o que foi caracterizado pelo governo norte-coreano como uma provocação abertamente militar e prova de que o país planeja um ataque (Vox News, 2023). Diante da ideia de um ataque dos EUA, a Coreia do Norte ameaçou retaliar, de forma preemptiva, com o uso de força nuclear caso a inteligência norte-coreana confirme essa possibilidade (Vox News, 2023).

Essa instabilidade apresenta mais uma evidência de que a ordem ocidental, liderada pelos EUA, vem sofrendo uma perda de legitimidade. Se ainda considerarmos os EUA como hegemonia, podemos afirmar que a aliança entre Coreia do Norte e Rússia, assim como a guerra na Ucrânia, são demonstrações da perda de prestígio dos EUA. Ocorre que, considerando que prestígio representa a reputação que um país possui em relação ao seu poder militar, contestações aos EUA espelham em parte uma perda de sua credibilidade, frente aos demais países do sistema internacional, no que diz respeito à sua capacidade e disposição para exercer poder (Gilpin, 2002). Sendo assim, os EUA, gradativamente, perdem a possibilidade de exercer comando sem o uso da força, pois, neste caso específico, a percepção da Coreia do Norte e da Rússia aparenta não legitimar a sua autoridade diante do sistema (Gilpin, 2002). O cenário que se constrói é um que, mesmo que não no presente, apresenta uma transformação na hierarquia de prestígio: o Estado dominante, os EUA, se vê cada vez menos capaz de impor a sua autoridade aos países antes dominados, Coreia do Norte e Rússia, que têm demandas que progressivamente abalam a ordem internacional e que visam materializar o ganho de poder que acreditam ter adquirido (Gilpin, 2002). Logo, a discrepância entre prestígio e a balança de poder real leva, mais cedo ou mais tarde, a uma guerra para reorganizar essa relação. Ainda é bastante prematuro

dizer que qualquer coisa dessa natureza possa ocorrer em um futuro próximo, ou até relativamente distante; porém, mencionar que o sistema internacional caminha para um desequilíbrio é alertar para a possibilidade de uma contestação real da ordem estabelecida que leva a uma guerra para estabilizar as hierarquias de prestígio e poder (Gilpin, 2002).

É importante mencionar, contudo, que não estamos afirmando que houve um desequilíbrio na distribuição de poder no sistema internacional. A posição hegemônica dos EUA, definida estritamente em termos de poder, não está ameaçada pela Rússia ou pela Coreia do Norte. O gasto mundial em defesa em 2022 foi, de acordo com o Banco Mundial (2023), 2,21 trilhões de dólares (USD). Os EUA, no mesmo ano, gastaram 876,94 bilhões USD, o que equivale a 3,5% do seu PIB e cerca de 39,7% do total do gasto mundial em defesa naquele ano (World Bank, 2023). Em contrapartida, a Rússia, em 2022, gastou 86,37 bilhões USD, enquanto que a Coreia do Norte, em 2019, gastou cerca de 4 bilhões USD de acordo com o relatório, de 2021, sobre despesas militares mundiais e transferências de armas do departamento de Estado dos EUA (World Bank, 2023; HYUNG, 2023). O gasto em defesa, embora não seja a única medida relevante, aponta para o tamanho do exército dos três países aqui discutidos e, concomitantemente, aponta para a capacidade de converter poder latente (econômico) em poder concreto (militar). Os EUA, nesses termos, não só estão na frente na contemporaneidade, mas estiveram na frente desde o fim da segunda guerra mundial, como apresenta Wohlforth (1999). Logo, não se pode afirmar que a Rússia ou a Coreia do Norte, ou uma aliança entre as duas, têm capacidade de minar a hegemonia dos EUA no que diz respeito à sua capacidade militar. Neste caso, se a hegemonia dos EUA não pode ser desafiada em termos militares, não podemos afirmar que houve uma mudança na distribuição de poder no sistema.

Discutir prestígio, portanto, não é discutir poder diretamente, embora poder esteja intimamente ligado com o prestígio que um determinado Estado possui diante dos demais. Assim, prestígio, como aponta Gilpin (2002, p.31), se trata da percepção que outros Estados possuem em relação às capacidades militares e à disposição que um Estado possui em exercer seu poder. Sendo assim, a análise que trazemos ao tratar de prestígio se restringe somente a isso: à percepção que a Coreia do Norte e a Rússia têm em relação aos EUA, que se manifesta a partir das contestações que ambos os países apresentam aos EUA e da ordem que consolidou.

Se há contestação, há indícios de que o prestígio dos EUA diminuiu perante a Coreia do Norte e a Rússia, pois ambas, como dito, não dão credibilidade à autoridade dos EUA. Mais importante, a contestação nuclear da Coreia do Norte é indício de que há uma descrença na disposição real dos EUA de exercerem seu poder por meio do uso da força. Caso o contrário, a certeza de que uma contestação dessa natureza traria uma forte retaliação militar dos EUA seria incentivo suficiente para impedir a Coreia do Norte de agir conforme seus interesses imediatos.

Diante disso, o desequilíbrio da hierarquia de prestígio pode demandar dos EUA o uso da força como forma de atestar que estão dispostos a exercer seu poder e que têm capacidade para isso (Gilpin, 2002). Todavia, como mencionado, ainda é cedo para afirmar que algo desta magnitude irá de fato ocorrer em um futuro próximo, mesmo diante da instabilidade gerada pela intensificação das relações militares entre a Rússia e a Coreia do Norte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIATED PRESS. Russia's foreign minister offers security talks with North Korea and China as he visits Pyongyang. AP News, 19 de outubro de 2023. Disponível em: <https://apnews.com/article/north-korea-russia-kim-putin-ukraine-41e72f8e5577d37b8eb463e3c6d661c7>. Acesso em 26 de outubro de 2023.

CAI, Derek. Kim Jong Un: North Korea leader enters Russia to visit Putin. BBC, 12 de setembro de 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-66771568>. Acesso em 26 de outubro de 2023.

MGILPIN. Robert. War and change in world politics. Cambridge: Cambridge University McGraw-Hill, 1979. Press, 2002.

HYUNG - TONG, Kim. North Korea sustains high defense spending with new budget. Associated Press, 19 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://apnews.com/article/politics-united-states-government-kim-jong-un-north-korea-south-d834bdffda0c2277f180e2e749b5e764>. Acesso em: 11 de novembro de 2023.

JAKES, Lara. Satellite Photos Show How Russia Could Be Shipping Arms From North Korea. The New York Times, 16 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/10/16/world/europe/russia-arms-shipping-north-korea.html>. Acesso em: 01 de novembro de 2023.

MADHANI, Aamer. US says North Korea delivered 1,000 containers of equipment and munitions to Russia for Ukraine war. AP News, 13 de outubro de 2023. Disponível em: <https://apnews.com/article/north-korea-russia-us-munitions-ukraine-war-7091eaba254b680888a9b1ec8a68135f>. Acesso em 30 de outubro de 2023.

MCCURRY, Justin; ROTH, Andrew. Kim Jong-un offers Putin 'full support' in Russia's 'sacred fight' with west. The Guardian, 13 de setembro de 2023. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2023/sep/13/kim-jong-un-putin-weapons-talk-russian-space-base-amur>. Acesso em 26 de outubro de 2023.

REUTERS. S.Korea, Japan, US condemn North Korea's supply of arms to Russia. Reuters, 26 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/skorea-japan-us-condemn-north-koreas-supply-arms-russia-2023-10-26/>. Acesso em 26 de outubro de 2023.

UNSC. Resolution 1718. UNSC, 2006. Disponível em: <https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N06/572/07/PDF/N0657207.pdf?OpenElement>. Acesso em 26 de outubro de 2023.

U.S. DEPARTMENT OF STATE. U.S.-Japan-ROK Joint Statement Condemning DPRK-Russia Arms Transfers. U.S. Department of State, 25 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.state.gov/u-s-japan-rok-joint-statement-condemning-dprk-russia-arms-transfers/>. Acesso em 26 de outubro de 2023.

VOA NEWS. North Korea Accused of Sending Russia Military Equipment, Munitions. Voa News, 14 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.voanews.com/a/white-house-accuses-north-korea-of-shipping-weapons-to-russia-/7310175.html>. Acesso em 01 de novembro de 2023.

VOA NEWS. North Korea Accused of Sending Russia Military Equipment, Munitions. Voa News, 14 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.voanews.com/a/white-house-accuses-north-korea-of-shipping-weapons-to-russia-/7310175.html>. Acesso em 01 de novembro de 2023.

WOHLFORTH, William C. "The stability of a unipolar world". International Security, v. 24, n. 1, p. 5-41, 1999.

WORLD BANK. Military Expenditure (current USD). 2023. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/MS.MIL.XPND.CD>. Acesso em: 13 de novembro de 2023.

3

PERSPECTIVAS REGIONAIS: A ÁSIA-PACÍFICO E O CONFLITO HAMAS-ISRAEL

Beatriz Nardy de Queiroz

Mariana Azevedo Soares Quintanilha

O conflito de longa data entre Israel e o grupo palestino Hamas é um fenômeno complexo enraizado em décadas de disputas territoriais, divergências ideológicas e desafios socioeconômicos. Este contexto é caracterizado por episódios de violência, tensões diplomáticas e esforços internacionais, visando uma resolução duradoura. A mais recente escalada do conflito, iniciada em 7 de outubro de 2023 com o lançamento de foguetes pelo grupo islâmico a partir da Faixa de Gaza em direção a Israel, teve repercussões significativas não apenas na região do Oriente Médio, mas também em diversos locais ao redor do mundo. Diante desse cenário, é de suma importância analisar o posicionamento dos atores mais relevantes da região da Ásia-Pacífico frente a essa conjuntura atual.

No que diz respeito a um dos atores de maior relevância na região, a República Popular da China se posiciona como uma potencial mediadora. Durante a visita do da autoridade nacional palestina, Mahmoud Abbas, a Pequim em junho de 2023, o governo chinês comprometeu-se a contribuir com “sabedoria e influência chinesa” para a resolução do conflito entre palestinos e israelenses. Tal promessa acontece após a mediação bem-sucedida de Pequim no processo de reconciliação entre Irã e Arábia Saudita. No entanto, diante da atual escalada da guerra, a reação inicial da China à crise na região limitou-se a um apelo pela cessação das hostilidades. Pequim absteve-se de criticar o grupo Hamas e buscou apresentar-se como uma parte imparcial no conflito. “Tal como a Rússia e a maioria dos países árabes, a China vê o Hamas como uma organização de resistência, e não como um grupo terrorista, tal como designado pelos EUA e pela União Europeia” (CNN Brasil, 2023).

Por outro lado, a China tem intensificado as relações econômicas com o Estado de Israel em anos recentes, incrementando o intercâmbio comercial e os aportes financeiros em áreas que abrangem desde a tecnologia até a infraestrutura. Contudo, o entendimento de que Israel permanece invariavelmente alinhado aos interesses dos Estados Unidos representa uma preocupação substancial para Pequim, especialmente à medida que sua competição global com Washington se acentua (CNN Brasil, 2023).

A escalada do conflito entre o grupo Hamas e Israel também gera preocupações sobre a segurança energética do Japão, devido à sua dependência das importações de petróleo do Oriente Médio e da estabilidade no fornecimento, que é vital para sustentar as operações industriais e o consumo doméstico do país asiático. A dependência do Japão não é apenas geográfica, mas também está vinculada à dinâmica geopolítica e econômica da região, tornando-o vulnerável a eventuais instabilidades que possam afetar o fornecimento de energia.

Em 2017, o presidente palestino se encontrou com o ministro japonês dos Negócios Estrangeiros na época, Taro Kono, juntamente com sua delegação, em Ramallah. Durante a reunião, diversos tópicos relacionados aos acontecimentos recentes na Palestina e na região foram discutidos. Abbas expressou seu apreço pelo apoio do Japão ao projeto de resolução sobre Jerusalém apresentado na Assembleia Geral da ONU, bem como pelo suporte japonês à economia palestina e às instituições do país. Nesse contexto, Abbas destacou o interesse do governo palestino em fortalecer ainda mais seus laços com o Japão. Por sua vez, Kono enfatizou seu apoio ao processo político baseado na solução de dois estados entre a Palestina e Israel. Ele reiterou o compromisso do Japão em fornecer apoio econômico ao povo palestino, indicando o desejo de contribuir para a estabilidade e desenvolvimento da região. (TRT PORTUGUESE, 2017)

Mais recentemente, o Japão solicitou que Israel suspendesse seus ataques na sitiada Faixa de Gaza, com o intuito de permitir a prestação de assistência humanitária. Essa solicitação foi feita em uma reunião entre o ministro de Estado japonês para assuntos estrangeiros e o embaixador de Israel no Japão. O Japão, como um dos países mais dependentes das importações de petróleo do Oriente Médio, demonstrou preocupações com a segurança energética diante do agravamento do conflito. A estabilidade do Oriente Médio é de extrema importância para garantir o fornecimento de energia ao país asiático, uma vez que mais de 90% de suas necessidades de petróleo são supridas pela região. Isso explica a postura inicialmente mais neutra do país em relação ao conflito, em comparação com outros membros do G7 (REUTERS, 2023).

Contudo, a crescente intensificação do conflito e seu potencial impacto na estabilidade da região levaram o Japão a adotar uma posição mais firme e a buscar ativamente uma solução para a crise no Oriente Médio.

Além disso, Tóquio está comprometido em apoiar financeiramente os esforços de reconstrução e desenvolvimento na região. Nesse contexto, a ministra de Relações Exteriores do Japão, Yoko Kamikawa, está programada para visitar Israel e Jordânia, demonstrando o engajamento contínuo do Japão na busca por uma solução pacífica e na promoção da estabilidade global (REUTERS, 2023).

O conflito também desencadeou respostas oficiais por parte dos governos do Sudeste Asiático, em linha com muitas outras partes do mundo. Essas respostas refletem a divisão na região, considerando a distância geográfica do Sudeste Asiático em relação ao conflito, os diferentes níveis de relações entre os países da região e Israel, bem como a proximidade do conflito Israel-Palestina com as políticas das nações de maioria muçulmana na região.

Singapura, que mantém laços estreitos com Israel desde 1965, emitiu uma condenação direta e pediu o fim imediato da violência, instando à proteção de civis. As Filipinas expressaram condolências às vítimas dos ataques do Hamas, enfatizando o direito à autodefesa em caso de agressão externa. O governo filipino também ordenou assistência aos filipinos afetados pelo conflito por meio de sua embaixada em Tel Aviv e do Escritório de Trabalhadores Migrantes em Israel. Outros países adotaram uma abordagem mais neutra e moderada, demonstrando preocupação com a escalada do conflito e instando todas as partes a evitar ações que compliquem a situação, promovendo a retomada das negociações pacíficas (The Diplomat, 2023).

Indonésia e Malásia, com forte apoio à causa palestina, evitaram rotular ataques a civis como "terrorismo" ou identificar o Hamas como autor, preferindo enquadrar os eventos na ocupação israelense. A Indonésia pediu o fim imediato da violência e enfatizou a necessidade de resolver o conflito de acordo com os parâmetros da ONU. Já a Malásia expressou preocupação com perdas de vidas, instando à contenção, mas também acusou Israel de praticar *apartheid* e violar direitos humanos e direito internacional, destacando hipocrisia global na abordagem a Israel (The Diplomat, 2023). A postura da Indonésia e da Malásia em relação aos recentes eventos no conflito israelo-palestino, conforme relatado, está alinhada com suas históricas posições dentro do Movimento de Países Não-Alinhados (MNOAL). Ambos os países, membros ativos desse movimento, têm uma tradição de forte apoio à causa palestina.

As respostas dos países do Sudeste Asiático ao conflito entre Israel e o grupo Hamas destacam as complexidades da formulação de políticas externas na região. Várias considerações influenciam as posições adotadas por esses países, refletindo a necessidade de equilibrar fatores regionais, interesses políticos internos e relações internacionais em um contexto delicado e multifacetado. Na Índia, a abordagem em relação à questão israelense-palestina evoluiu com o tempo. Historicamente, a Índia apoiou a causa palestina, votando contra a criação de Israel em 1947 e reconhecendo a OLP em 1974 devido a uma história compartilhada de colonização pela Grã-Bretanha. No entanto, as relações Índia-Israel evoluíram desde o estabelecimento de laços diplomáticos em 1992, coincidindo com os acordos de Oslo. A Índia agora é o maior importador de armas de Israel, e a cooperação estratégica entre eles tem crescido.

A ascensão do primeiro-ministro Narendra Modi em 2014 aprofundou essas relações. A Índia demonstrou solidariedade com Israel após os ataques do Hamas em outubro de 2023, enfatizando a importância da estabilidade regional para sua segurança energética, uma vez que mais de 90% de suas necessidades de energia vêm do Oriente Médio. Essa mudança na postura indiana é acompanhada pelo crescente apoio a Israel por grupos de extrema-direita na Índia, refletido em manifestações pró-Israel e repressão a ativistas pró-Palestina, enfrentando acusações de promover inimizade entre grupos sociais (Al Jazeera, 2023).

A mudança na postura indiana, impulsionada por interesses estratégicos e políticos internos, apresenta desafios para a manutenção de uma posição equilibrada na política externa, suscitando preocupações sobre direitos humanos e igualdade em relação à comunidade muçulmana (Al Jazeera, 2023). Paralelos são traçados entre as ações de Israel na demolição de residências de palestinos nos territórios ocupados e políticas de alguns governos estaduais do Bharatiya Janata Party (BJP), enfraquecendo as comunidades muçulmanas. Tais ações geram preocupações sobre igualdade, justiça e direitos humanos global e domesticamente (Al Jazeera, 2023) e destacam as implicações políticas e éticas no cenário global e doméstico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CNN Brasil. Análise: China busca ser uma mediadora dos conflitos no Oriente Médio, ainda que com experiência questionável. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/analise-china-busca-ser-uma-mediadora-dos-conflitos-no-oriente-medio-ainda-que-com-experiencia-questionavel/>>. Acesso em: 22 out. 2023.

CNN Brasil. Saiba quais países estão envolvidos no conflito Israel-Hamas. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/saiba-quais-paises-estao-envolvidos-no-conflito-israel-hamas/>>. Acesso em: 22 out. 2023.

How Southeast Asia Has Responded to the Israel-Hamas Conflict. Thediplomat.com. Disponível em: <<https://thediplomat.com/2023/10/how-southeast-asia-has-responded-to-the-israel-hamas-conflict/>>. Acesso em: 26 out. 2023.

GEDDIE, John; TAKEMOTO, Yoshifumi ; KELLY, Tim. Israel-Palestinian conflict tests Japan's oil diplomacy. Reuters. Disponível em: <<https://www.reuters.com/world/israel-palestinian-conflict-tests-japans-oil-diplomacy-2023-10-17/>>. Acesso em: 26 out. 2023.

REUTERS. Japan urges Israel to pause assault on Gaza. Reuters. Disponível em: <<https://www.reuters.com/world/middle-east/japan-calls-temporary-suspension-fighting-gaza-2023-10-26/>>. Acesso em: 26 out. 2023.

O Japão expressa seu apoio político e econômico à Palestina | TRT Portuguese. Trt.net.tr. Disponível em: <<https://www.trt.net.tr/portuguese/mundo/2017/12/26/o-japao-expressa-seu-apoio-politico-e-economico-a-palestina-876052>>. Acesso em: 26 out. 2023.

4

A REALIZAÇÃO DA PRIMEIRA TRANSAÇÃO COMERCIAL ENTRE BRASIL E CHINA SEM O DÓLAR

Gabriel Porto Póvoas

Maria Gabriela Veloso Camelo

O mês de outubro certamente foi agitado em termos de política internacional e para a Ásia Pacífico não foi diferente. O especial desta vez é que um dos eventos na região envolveu o Brasil. No dia 3 de outubro, o Banco da China Brasil anunciou a realização da primeira transação completa entre uma empresa brasileira e uma empresa chinesa usando apenas as moedas locais do Brasil e da China – reais e *renmimbi* (nome oficial do *yuan*). Em nota, foi declarado que a operação aconteceu entre os meses de agosto e setembro de 2023 e tratava-se de um negócio de exportação de celulose da empresa paulista, Eldorado Brasil, com representação em Xangai. No dia 26 de agosto, 43 contêineres de celulose saíram do Porto de Santos com destino ao Porto de Qingdao. Vale destacar que, de acordo com o Banco Industrial e Comercial da China (ICBC) ainda em fevereiro deste ano, parece ter acontecido uma transação pioneira entre empresas brasileiras e chinesas, mas os participantes não foram divulgados (*China News Service*, 2023).

A China é o principal cliente da Eldorado – que teve lucro de R\$3,53 bilhões em 2022 – sendo destino de 40% de suas exportações. Foi o Banco Industrial e Comercial da China no Brasil (ICBC) que fez o desconto das cartas de crédito em yuan para a Eldorado, que pôde converter instantaneamente os valores para reais. Os Governos do Brasil e da China têm destacado os planos de desdolarização de suas relações comerciais. Essa foi inclusive uma das principais questões principais da última reunião entre os presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Xi Jinping. Outros países, como Cuba, Venezuela, Nicarágua, Rússia e Irã, também têm buscado desdolarizar¹ suas relações comerciais, no intuito de fugir dos efeitos das sanções econômicas impostas pelos Estados Unidos, por exemplo. A transação direta em reais e *yuan*s “queima” a etapa de conversão ao dólar, e, ao fazer isso, implica redução de custos na taxa de câmbio e despesas financeiras. Uma vez que as empresas poderão usar apenas sua moeda local, elas reduzirão a obrigação de acessar linhas de crédito em dólares.

¹ Países têm buscado desdolarizar suas relações comerciais para tentar fugir dos efeitos das sanções econômicas impostas pelos Estados Unidos.

Isso não significa que o *dólar* será inteiramente substituído pelo yuan,² mas sim que as operações comerciais entre os países dispensem a liquidação via câmbio, usando o dólar, fazendo diretamente de reais para yuan.³

Mais do que dissertar expositivamente sobre a recente transação entre China e Brasil com suas moedas locais, é importante realizar uma análise sobre os possíveis interesses nacionais envolvidos neste processo, além de sua influência no sistema financeiro da Ásia-Pacífico e nas instituições financeiras internacionais e multilaterais. É possível dizer que a preferência dos países supracitados em realizar este tipo de transação gera consequências das mais diversas para outros países que venham tentar replicá-lo em função de achar alternativas além do dólar, especialmente no que diz respeito à incerteza ocasionada pelas sanções econômicas impostas pelos Estados Unidos por disputas internacionais em Cuba, Venezuela, Nicarágua, Rússia e Irã, etc. (BRASIL DE FATO, 2023) Contudo, pode-se dizer também que os interesses da China e do Brasil ao realizar esse tipo de transação são as mais diversas; no caso da China, por exemplo, interpretações possíveis seriam o desejo de diversificar suas reservas – a China detém uma grande quantidade de reservas em dólares americanos, o que significa que realizar mais transações em sua moeda, o yuan, pode ajudar a reduzir a dependência do dólar e diversificar suas reservas internacionais –, como também a possibilidade de promover o yuan ainda mais num processo de internacionalização que o beneficia no sentido de expandir sua influência.

Já o Brasil, por exemplo, veria neste processo uma chance de diversificar seus parceiros comerciais, tendo em vista que este tipo de procedimento pode atrair mais países que buscam evitar o uso do dólar e também uma redução de custos financeiros, muito porque evitar o uso do dólar pode reduzir os custos associados a conversões de moeda e taxas de câmbio, tornando o comércio mais eficiente e barato. Ainda, é necessário salientar que um interes-

2 “As empresas vão diminuir a necessidade de ter acesso obrigatório a linhas de crédito em dólar, podendo usar somente sua moeda local. Você não está substituindo o dólar pelo yuan. O dólar vai continuar sendo moeda forte e hegemônica por muito tempo. Podemos aumentar o comércio com a China usando uma facilidade da moeda chinesa, assim como usamos o euro nas exportações para a Europa e o iene nas transações com o Japão. Não significa que 100% das exportações para a China serão em yuan”, disse Sérgio Quadros, consultor em negócios asiáticos Sérgio Quadros, da SQ Asia Business Consulting, para a Gazeta do Povo (2023).

3 A transação direta em reais e yuans “queima” a etapa de conversão ao dólar, e, ao fazer isso, implica em redução de custos na taxa de câmbio e despesas financeiras. (Gazeta do Povo, 2023)

se comum aos dois países pode estar relacionado com uma chance de proteção contra flutuações do dólar, especialmente num contexto que sucedeu a emergência sanitária do COVID-19 em que houve nos Estados Unidos uma expansão inflacionária e que foi amenizada, mas que continua elevada. (IPEA, 2023).

Ainda, é necessário compreender os efeitos dessa atual conjuntura sobre o sistema financeiro da região Ásia-Pacífico e também nas infraestruturas institucionais que lidam com questões financeiras. Pode-se dizer, neste sentido, que o teste de Eldorado pode abrir espaço não apenas para operações de financiamento em moeda chinesa e de swap cambial para proteção de investimentos nos dois países, sempre sem o uso do dólar (CNN Brasil, 2023), mas também outros países realizem este tipo de transação. É o caso dos países da região da Ásia-Pacífico, por exemplo, uma vez que a China desempenha um papel cada vez mais central na região, e, uma vez reforçada a internacionalização da moeda yuan, esta poderia vir a se tornar uma alternativa mais sólida ao dólar. No que diz respeito às instituições financeiras internacionais de cunho multilateral, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, isso também possivelmente causaria pressões para que houvesse uma reavaliação de suas políticas e operações para se adaptarem a uma ordem econômica global em evolução, com uma maior diversificação de moedas de reserva e comércio.

Apesar de incerto, tendo em vista que as empresas ainda possuem a autonomia de escolha quanto ao uso do dólar, é notável que este evento marca uma nova etapa do mundo comercial, à luz de recentes discursos disseminados por lideranças do Sul global a favor de uma maior desdolarização das transações comerciais – caso do Brasil. Mesmo assim, é possível dizer que a recente transação entre China e Brasil, realizada com suas moedas locais, é um marco importante que vai além da simples troca financeira; mudança ligada intrinsecamente a interesses de cunho econômico, financeiro e sobretudo político que dizem respeito à preservação e internacionalização de ambas as economias envolvidas neste processo, China e Brasil, com possibilidade de maior adesão por outros países. Por fim, é importante salientar que dado um contexto pós-pandêmico, diante de tantos desafios econômicos significativos, essa mudança nas transações comerciais entre China e Brasil sinaliza um novo paradigma no sistema financeiro global.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brasil de Fato. **Marco histórico: Brasil e China realizam primeira transação completa usando apenas reais e yuans.** 4 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/10/04/marco-historico-brasil-e-china-realizam-primeira-transacao-completa-usando-apenas-reais-e-yuans>.

NASSIF, Tamara; NUNES, Ana Carolina. **CNN Brasil.** Operações comerciais entre Brasil e China sem uso de dólar devem ter início em julho. 2 de abril de 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/operacoes-comerciais-entre-brasil-e-china-sem-uso-de-dolar-devem-ter-inicio-em-julho/>

TOSI, Marcos. **Gazeta do Povo.** "Comércio Brasil-China faz primeira transação em moedas nacionais sem o dólar." 3 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/economia/comercio-brasil-china-faz-primeira-transacao-em-moedas-nacionais-sem-o-dolar/>.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. "O crescimento do nível de preços no Brasil e o impacto nos EUA." 4 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/tag/estados-unidos/#:~:text=O%20crescimento%20do%20n%C3%ADvel%20de,Europa%20quanto%20nos%20Estados%20Unidos>.

5

O DESPEJO DA ÁGUA RADIOATIVA PELO JAPÃO E SUAS REAÇÕES

Beatriz Fernandes Lira Cavalcante
Marina Conde Galvão Zenha

Em 2011, com um terremoto seguido de um tsunami, a planta nuclear de Fukushima foi destruída, causando uma contaminação da água dentro da estrutura com material radioativo a partir do superaquecimento dos núcleos do reator (Khadka, 2023). Desde então, o material radioativo vem concentrando mais de um milhão de toneladas de água tratada, que é utilizada para resfriar os reatores que derreteram. A empresa responsável pela retirada dos elementos radioativos, ou pelo menos da maioria deles, é a Tokyo Electric Power Co (TEPCO), que visa reduzir a radioatividade a níveis seguros para que o seu despejo possa ocorrer (Torres; Jordão, 2023).

Dessa forma, desde o ano do incidente, a empresa bombardeia água para que as barras de combustível dos reatores possam ser resfriadas, tendo como consequência a produção de uma água contaminada armazenada em mais de mil tanques, contabilizando um milhão de toneladas de águas residuais (Khadka, 2023; Torres; Jordão, 2023; Wong, 2023). Todavia, a decisão para que esse material contaminado fosse despejada no mar parte do Japão, que deseja, agora, usar o terreno da usina para construir novas instalações, desmantelando-a com segurança, além de alegar que o espaço para armazenamento para a água usada na resfriação está acabando (Khadka, 2023; Guinto; Khalil, 2023).

Buscando o despejo dessa água, o país necessita da aprovação de órgãos superiores, como é o caso da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), que aprovou o plano ao informar que ele está em conformidade com os padrões internacionais, tendo um impacto futuro 'insignificante' no ambiente (Guinto; Khalil, 2023). A Agência, nesse sentido, informou que a TEPCO consegue fazer medições precisas e corretas da quantidade de radiação que existe na água tratada, com a maioria desses elementos radioativos sendo filtrados (Guinto; Khalil, 2023). A partir das conclusões e dos procedimentos da empresa - nomeados como Sistema Avançado de Processamento de Líquidos (ALPS, em inglês) -, concluiu-se que a água tratada, lançada no Oceano Pacífico, foi misturada com a água do mar e atingiu níveis de trítio e carbono 14, dois elementos radioativos presentes no material, que correspondem aos

padrões de segurança internacionais, além de ter reduzido o nível de outras substâncias a padrões também aceitáveis (Guinto; Khalil, 2023; Wong, 2023). Logo, a partir desse processo, ocorre a liberação da água no Oceano a partir de um túnel subterrâneo, com extensão de 1 quilômetro, com a TEPCO monitorando a radioatividade da água processada e despejada em vários estágios (Wong, 2023).

Entretanto, o trítio e o carbono-14, além de serem formas radioativas de hidrogênio e carbono, são difíceis de serem separados da água tratada. Apesar de seus níveis de radiação serem baixos, ainda sim um risco existe caso esses elementos sejam consumidos em grande quantidade (Wong, 2023). É justamente a preocupação com os elementos como o trítio e o carbono que levaram a reações diversas a partir do plano apresentado pelo Japão e pela TEPCO com aprovação da AIEA, considerando-se, principalmente, que o primeiro elemento não foi filtrado da água (AlJazeera, 2023). Ao passo em que muitos cientistas apoiam o despejo, argumentando que o mar não se tornaria mais radioativo do que já é, com o despejo representando apenas uma gota, o mesmo não é verdade para os Estados vizinhos ao Japão, diversos grupos civis e até mesmo organizações como o GreenPeace (Wong, 2023)

Dessa forma, apenas 53% da população japonesa apoiam o plano de despejo, e a China, país vizinho ao Japão no qual também é afetado pelas correntes marítimas, acusou o país de violar as obrigações morais e legais internacionais, colocando “interesses egoístas acima do bem-estar de toda a humanidade” (Wong, 2023; Al Jazeera, 2023). Como consequência, a importação de frutos do mar japoneses foram banidos pela China, principal compradora dessa mercadoria, e a maior produtora de sal chinesa - National Salt Industry - aumentou a oferta desse produto após diversas pessoas o estocarem após a liberação da água, tremendo a contaminação futura de suprimentos (Wong, 2023; Couzens, 2023). Além disso, tanto em Hong Kong quanto em Tóquio, ocorreram mobilizações populares críticas ao despejo (Wong, 2023; BBC, 2023).

Destaca-se, a partir dessa crítica, que não se trata da primeira vez em que o Japão e a China apresentam momentos de desentendimento. Quando, nos séculos XIX e XX, os territórios do Pacífico foram divididos a partir da Convenção das Nações Unidas sobre Direito do Mar de 1982, o Japão foi um dos grandes beneficiados, ao passo em que a China não teve participação na

divisão (McCormack, 2016). Nesse sentido, diversas disputas foram travadas envolvendo a posse de ilhas e a consequente expansão das Zonas Econômicas Exclusivas dos respectivos países (McCormack, 2016).

A Coreia do Sul, por sua vez, teve reações diversas. Enquanto as preocupações foram amenizadas pelo governo, a população sul-coreana demonstrou reações opostas: com 80% da sociedade preocupados com a liberação da água, protestos contando com milhares de pessoas ocorreram em Seul, fazendo com que o governo, por fim, aprovasse uma resolução de oposição a liberação do material contaminado (Wong, 2023).

A Rússia também se manifestou perante a comunidade internacional sobre os despejos. Maria Zakharova, representante oficial do Ministério dos Negócios Estrangeiros russo, disse à imprensa que há uma falta de transparência por parte do Japão em relação aos despejos e que deseja que seja apresentado por Tóquio mais informações sobre a problemática. Consequentemente, a Rússia se juntou à China e suspendeu a importação de frutos do mar oriundos do Japão alegando que seria uma medida de prevenção. Alguns especialistas dizem que essa medida também foi motivada pela postura crítica adotada pelo Japão em relação à Rússia e seu conflito com a Ucrânia (Reuters, 2023; Voa News, 2023).

O GreenPeace também assumiu uma postura não favorável à decisão do Japão. Em uma nota oficial em seu site, afirmou que a decisão da TEPCO e da AIEA ignora evidências científicas, além de ser considerada pela organização como uma violação da resolução 48/13 do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas e da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar. Também criticou o fato de mesmo depois do incidente de 2011 o Japão insistir em construir mais reatores, apesar do risco de desastres naturais apresentado naquela região, questionando também o porquê do despejamento, visto que há onde armazenar a água contaminada. Ainda, acusou a AIEA de não ter investigado de maneira satisfatória as operações do ALPS (sistema de processamento avançado de líquido) (GreenPeace Internacional, 2023).

Muito da preocupação com esses despejos vem das evidências existentes em relação aos perigos da exposição excessiva à radiação, sejam elas apresentadas por estudiosos ou oriundas da própria memória geracional, devido a acidentes como os de Fukushima e Chernobyl. Ao corpo humano, a exposição à radiação

pode causar desde sintomas simples, como náusea e vômitos, até doenças a longo prazo, como câncer. Isso ocorre devido ao fato de que a exposição prolongada a um certo nível de radiação faz com que o corpo humano tenha dificuldade em realizar o controle de vida das células, aumentando as chances de se ter câncer. Além disso, a falha em tratar dos sintomas gerados devido à exposição radioativa podem acarretar em mutações genéticas que podem ser passadas para descendentes, como microcefalia (PET UFG, 2023). Ainda, também prejudica a vida marinha, acometendo seu processo de reprodução etc, como apontado pelo professor David Zee: “Os efeitos vão desde problemas de má formação à disfunção dos órgãos” (Zee apud Barbosa, 2023).

Em 05 de outubro de 2023, a TEPCO iniciou a segunda fase do despejo às 22:18 do horário de Brasília. O objetivo dessa fase é despejar 7.800 toneladas no Oceano Pacífico em 17 dias. A empresa declarou que ativou uma bomba a fim de diluir a água tratada com a água do mar e fazer o envio gradual da água, por meio de um túnel (DW, 2023). O chefe da TEPCO, Akira Ono, reafirmou à imprensa que serão monitorados os níveis de trítio assim como na primeira fase e que se comprometem a continuar informando a população em uma linguagem de fácil entendimento (AFP, 2023). O governo japonês continua a defender a medida pelos meios de comunicação, com o primeiro-ministro, Fumio Kishida, chegando a gravar um vídeo comendo peixe pescado em Fukushima a fim de tentar comprovar que é seguro consumi-lo.

Um pouco depois do início da segunda fase da operação, um time de cientistas de diversas nacionalidades iniciaram testes nos peixes pescados na região dos despejos, coletados no porto de Hisanohama. As amostras serão testadas de forma independente em diversos países, mas são o Japão e a AIEA que promovem a pesquisa atualmente. É o primeiro teste desde o início da operação e seu resultado é decisivo para entender seu impacto a curto prazo no oceano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGENCE FRANCE-PRESSE. After China, Russia Suspends Japanese Seafood Imports. VOA News, 16 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.voanews.com/a/after-china-russia-suspends-japanese-seafood-imports-/7312507.html>. Acesso em 25 de outubro de 2023.

ALJAZEERA. 'Not Japan's trash bin': Anger as Fukushima water released into Pacific. **AlJazeera**, 24 ago, 2023. Disponível em <https://www.aljazeera.com/news/2023/8/24/japan-prepares-to-start-release-of-fukushima-radioactive-water>. Acesso em 20 out. 2023.

BARBOSA, Vanessa. Jogar água radioativa no mar contraria o princípio de segurança, diz oceanógrafo. **Exame**, 04 de abril de 2011. Disponível em: <https://exame.com/mundo/lancar-agua-radioativa-ao-mar-vai-contra-a-seguranca-nuclear-diz-oceanografo/>. Acesso em 27 de outubro de 2023.

BATE-PAPO 533: Xi Jinping não vai ao G20; a fraude de Trump. [Locução de]: Daniel Sousa e Tanguy Baghdadi. [S.l.]: Petit Journal, 31 ago. 2023. *Podcast*. Disponível em: <https://podcasts.apple.com/br/podcast/petit-journal/id1193387182?i=1000626401297> . Acesso em: 12 set. 2023.

COUZENS, Jo. Fukushima: Discharge from Japan nuclear plant safe, tests show. **BBC**, 25 ago. 2023. Disponível em <https://www.bbc.co.uk/news/world-asia-66609889>. Acesso em 21 out. 2023.

DI LORENZO, Alessandro; CAPOZZI, Bruno. "Seguro e delicioso": primeiro-ministro do Japão come peixe de Fukushima. **Olhar Digital**, 31 de agosto de 2023. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2023/08/31/pro/seguro-e-delicioso-primeiro-ministro-do-japao-come-peixe-de-fukushima/>. Acesso em 27 de outubro de 2023.

DW. Japão inicia segundo despejo de águas residuais de Fukushima. DW, 05 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/jap%C3%A3o-inicia-segundo-despejo-de-%C3%A1guas-residuais-de-fukushima/a-67005959>. Acesso em 26 de outubro de 2023.

GREENPEACE INTERNATIONAL. Japan announces date for Fukushima radioactive water release. Greenpeace, 22 de agosto de 2023. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/international/press-release/61364/japan-announces-date-for-fukushima-radioactive-water-release/>. Acesso em 23 de outubro de 2023.

QUINTO, Joel; KHALIL, Shaimaa. Fukushima nuclear disaster: UN watchdog approves plan for water release. **BBC**, 04 jul. 2023. Disponível em <https://www.bbc.com/news/world-asia-66094479>. Acesso em 20 out. 2023.

HORA DO POVO. Rússia e China anunciam medidas preventivas na iminência do despejo de água radioativa pelo Japão. **Hora do Povo**, 08 de julho de 2023. Disponível em: <https://horadopovo.com.br/russia-e-china-anunciam-medidas-preventivas-na-iminencia-do-despejo-de-aguas-radioativas-pelo-japao/>. Acesso em 19 de outubro de 2023.

JOZUKA, Emiko; YEUNG, Jessie. Japão iniciará despejo de água radioativa de Fukushima no oceano; entenda. **CNN Brasil**, 22 de agosto de 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/japao-iniciara-despejo-de-agua-radioativa-de-fukushima-no-oceano-entenda/>. Acesso em 20 de outubro de 2023.

KHADKA, Navin Singh. The science behind the Fukushima waste water release. **BBC**, 26 ago. 2023. Disponível em <https://www.bbc.com/news/world-asia-66610977>. Acesso em 20 out. 2023.

MCCORMACK. Gavan. Troubled Seas: Japan's Pacific and East China Sea domains and claims. *In*: KIM, Mikyoung (ed.). **Routledge handbook of memory and reconciliation in East Asia**. New York: Routledge, 2016.

PET AGRO UFG. Saiba mais sobre os efeitos da radiação no corpo humano. **PET AGRO UFG**, [s.d]. Disponível em: <https://pet.agro.ufg.br/n/7210-saiba-mais-sobre-os-efeitos-da-radiacao-no-corpo-humano#:~:text=Quais%20são%20os%20efeitos%20imediatos,dores%20de%20cabeça%20e%20febre>. Acesso em 27 de outubro de 2023.

REUTERS. Scientists test Fukushima fish after nuclear plant water release. Reuters, 19 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/asia-pacific/scientists-test-fukushima-fish-after-nuclear-plant-water-release-2023-10-19/>. Acesso em 26 de outubro de 2023.

SBF. Quais os riscos da água liberada no mar por Fukushima? **SBF**, 26 de setembro de 2023. Disponível em: <https://sbfisica.org.br/v1/sbf/quais-os-riscos-da-agua-liberada-no-mar-por-fukushima/>. Acesso em 26 de outubro de 2023.

TORRES, Isabela Süssekind Rocha; JORDÃO, Laura Simões. O Despejo de Água Radioativa no Pacífico. **Radar Ásia-Pacífico**, v.2 n.7, julho de 2023, Liga de Estudos da Ásia-Pacífico (LEAP). Análise de Conjuntura.

WONG, Tessa. Fukushima: What are the concerns over waste water release?. **BBC**, 25 ago. 2023. Disponível em <https://www.bbc.co.uk/news/world-asia-66106162>. Acesso em 20 out. 2023.

6

A DIPLOMACIA DO PANDA CHINESA À LUZ DA COMPETIÇÃO HEGEMÔNICA ENTRE EUA E CHINA

Érico Azera Gonçalves da Rocha

Letícia Fernandes de Almeida

A análise conjuntural a seguir abordará o tópico da diplomacia do panda, uma prática que remonta à Dinastia Tang (618-906) na China e se mantém como aspecto significativo das relações internacionais chinesas da atualidade. Em resumo, a China utiliza o empréstimo de pandas gigantes para outras nações como um meio de fomentar relações diplomáticas, promover sua imagem e avançar parcerias mútuas (Hinderson, 2017; Szczudlik, 2017). Dessa forma, ao longo do texto exploraremos a história e a dinâmica da Diplomacia do Panda, bem como sua importância na política internacional moderna e os desdobramentos recentes relacionados ao retorno de pandas para a China vindos de países como os Estados Unidos.

A prática enraizada na tradição milenar chinesa evoluiu e, hoje em dia, a dinâmica do envio dos animais implica em um aceno ao estreitamento de laços entre a China e outros países. A China, com seus estimados 1.800 pandas na natureza, empresta seletivamente esses ícones para mais de 20 países ao redor do mundo (Al Jazeera, 2023). Por isso, tal estratégia diplomática carrega uma rica história e continua a ser relevante em esforços chineses de parceria. Durante a era Tang, a China começou a oferecer pandas como presentes diplomáticos (Hartig, 2013). A docilidade dos animais desde então foi tida como símbolo de boa vontade e amizade.

Curiosamente, os EUA se tornaram um dos primeiros destinatários de pandas quando a Primeira-Dama Pat Nixon expressou seu afeto pelos animais durante uma visita de Estado ao país asiático. Porém, a partir de 1984, a Diplomacia do Panda evoluiu, passando a emprestar o panda ao invés de presentear (Szczudlik, 2017). O empréstimo se dava por um período de 10 anos, prorrogável mediante acordo mútuo. O pacifismo na diplomacia chinesa é pautado pela ideia do “guanxi” (relacionamentos mutuamente benéficos) e se manifesta através das negociações envolvendo os pandas.

Um aspecto significativo da Diplomacia do Panda contemporânea é o envio de pandas para países com os quais a China fez acordos comerciais ou tem

interesses em estreitar parceria. Sendo assim, animais foram enviados para a Escócia em 2011, após um acordo de petróleo entre a China e o Reino Unido, por exemplo (Ibidem.). Do ponto de vista do empréstimo, os países anfitriões são obrigados a pagar uma taxa anual pelo cuidado e manutenção dos pandas, geralmente em torno de US\$ 1 milhão por panda. Além disso, entende-se que qualquer filhote de panda nascido no exterior deve ser devolvido à China antes de completar quatro anos, reforçando a natureza bilateral da política diplomática chinesa.

Recentemente, tem sido observada uma tendência notável de devolução dos pandas. O Zoológico Nacional de Washington está programado para devolver três pandas à China, à medida que seu acordo de empréstimo chega ao fim (Al Jazeera, 2013). Essa decisão gerou discussões sobre as razões por trás da repatriação desses ursos icônicos (Ghosh, 2023). O retorno de pandas dos EUA suscita questões sobre atritos diplomáticos entre norte-americanos e chineses. Dado o atual estado das relações EUA-China, não é surpreendente que as autoridades chinesas possam optar por não renovar contratos de empréstimo com zoológicos dos Estados Unidos.

É importante considerar o contexto geopolítico mais amplo ao examinar o retorno de pandas. Os estadunidenses mantêm fortes relações comerciais com Taiwan e continuam a vender equipamentos de defesa ao exército taiwanês. Essas ações não foram bem recebidas por Beijing, e o retorno de pandas pode ser visto como uma resposta a esses desenvolvimentos. Não é a primeira vez que pandas foram usados para refletir tensões políticas mais profundas; no passado, pandas foram devolvidos em resposta a incidentes diplomáticos.

Dessa forma, podemos concluir que a diplomacia do panda, enraizada na história chinesa, continua a desempenhar um papel significativo nas relações internacionais contemporâneas no contexto de disputa hegemônica na Ásia-Pacífico. A China empresta estrategicamente pandas a outras nações, fomentando relações diplomáticas, promovendo sua imagem e avançando parcerias mútuas. O recente retorno dos animais que estavam nos EUA destaca a complexa interação entre a boa vontade diplomática e considerações geopolíticas mais amplas. À medida que a prática permanece um aspecto relevante e dinâmico da política internacional, ela continua a oferecer perspectivas sobre a natureza em evolução da diplomacia global e o delicado equilíbrio entre diplomacia e geopolítica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AL JAZEERA. **What is panda diplomacy, and why are the bears going back to China?** Al Jazeera, 3 out. 2023. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2023/10/3/what-is-panda-diplomacy-and-why-are-the-bears-going-back-to>. Acesso em: 3 nov. 2023.

GHOSH, B. **China's 'Panda Diplomacy' Was All Just a Charade.** Bloomberg, 3 out. 2023. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/opinion/articles/2023-10-03/let-s-not-mourn-the-end-of-panda-diplomacy#xj4y7vzkg>. Acesso em: 3 nov. 2023.

HARTIG, F. Panda diplomacy: The cutest part of China's public diplomacy. **The Hague Journal of Diplomacy**, v. 8, n. 1, p. 49-78, 2013.

HINDERSON, S. **Panda diplomacy-Literally soft power?**. 2017.

SZCZUDLIK, J. et al. **Role of "Panda Diplomacy" in China's Foreign Policy.** 2017.



LIGA DE ESTUDOS
ÁSIA-PACÍFICO



Instituto
de Relações
Internacionais



PUC
RIO

